



**MATERNIDADES JUVENIS:
O QUE DIZEM ALUNAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PERIFERIA**

**MATERNIDADES JUVENILES:
LO QUE DICEN LAS ALUMNAS DE UNA ESCUELA PÚBLICA
PERIFÉRICA**

**YOUTH MATERNITIES:
WHAT STUDENTS FROM A PUBLIC SCHOOL IN THE OUTSKIRT SAY**

Revista
Diversidade
e Educação

Dolneia Aparecida dos Santos¹
Juliana Ribeiro de Vargas²

RESUMO

Neste estudo buscamos analisar e problematizar representações de maternidade, a partir de narrativas de jovens mães e gestantes, na faixa etária entre 17 e 23 anos de idade, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da periferia de Canoas (RS). Para tanto, buscamos como aportes teóricos os Estudos Culturais em Educação, os Estudos de Gênero e os Estudos sobre Juventude. Como metodologia, aplicamos um questionário exploratório e, posteriormente, organizamos encontros de Grupo Focal, entre novembro e dezembro de 2018. Tais ferramentas subsidiaram organização das seguintes unidades analíticas: “Sou uma boa mãe - narrativas de afeto e atenção”; “Sou uma mãe, mas continuo sendo jovem, quero curtir a vida”. A partir de tais análises, destacamos a construção de maternidades juvenis plurais, que se distanciam das representações naturalizadas da maternidade e da juventude, as quais necessitam ser mais bem estudadas e problematizadas em nossas instituições de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais. Gênero. Juventudes. Maternidade.

¹ Mestre em Educação. Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS, Brasil.

² Doutora em Educação. Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS, Brasil.

RESUMEN

En este estudio buscamos analizar y problematizar las representaciones de la maternidad, a partir de las narrativas de madres jóvenes y embarazadas, de entre 17 y 23 años, estudiantes de secundaria de una escuela pública de las afueras de Canoas (RS). Para eso, buscamos como aportes teóricos los Estudios Culturales en Educación, Estudios de Género y Estudios sobre Juventud. Como metodología, aplicamos un cuestionario exploratorio y, posteriormente, organizamos encuentros de Grupo Focal, entre noviembre y diciembre de 2018. Dichas herramientas subsidiaron la organización de las siguientes unidades analíticas: "Soy una buena madre- narrativas de cariño y atención."; "Soy madre, sin embargo, soy joven, quiero disfrutar de la vida". A partir de las análisis, destacamos la construcción de maternidades juveniles plurales, que se alejan de las representaciones dichas como naturzles de la maternidad y la juventud, las cuales necesitan ser mejor estudiadas y problematizadas en nuestras instituciones educativas.

PALABRAS-CLAVE: Estudios culturales. Género. Jóvenes. Maternidad

ABSTRACT

In this study we seek to analyze and problematize representations of motherhood, from the narratives of young mothers and pregnant women, aged between 17 and 23 years old, high school students from a public school on the outskirts of Canoas (RS). For this, we seek as theoretical contributions Cultural Studies in Education, Gender Studies and Studies on Youth. As a methodology, we applied an exploratory questionnaire and, subsequently, we organized Focus Group meetings, between November and December 2018. Such tools subsidized the organization of the following analytical units: "I am a good mother- affection and attention narratives" ; "I'm a mother, but I'm still young, I want to enjoy life". From such analyzes, we highlight the construction of plural youth maternities, which distance themselves from the naturalized representations of motherhood and youth, whatever need to be better studied and problematized in our educational institutions.

KEYWORDS: Cultural Studies. Gender. Youth. Maternity.

* * *

[...] a gente dá uma volta de moto, sai para dar uma volta no shopping ou vai um pouco numa social que tenha perto de casa para não perder o costume, bem menos que antes, mas sempre que dá a gente acha um tempinho pra aproveitar. Senão daqui uns dias ele tá velho e não dá mais.

(T., 17 anos, filho com 5 meses)

Primeiras Palavras

Para "T", ser mãe de um bebê não implica na renúncia de práticas de entretenimento e lazer, comumente vivenciadas pelos jovens. Ou seja, ser mãe de um bebê que ainda tem a amamentação como principal fonte de alimentação, não a impede de "curtir uma social". Podemos pensar que, na contramão de discursividades

relacionadas a campos de saber como a Biologia, a Psicologia do Desenvolvimento ou ainda, a Puericultura, muitas jovens não deixam de participar de festas, baladas, e/ou “sociais” para cuidarem exclusivamente de seus filhos/filhas. Vale destacar que a jovem autora da narrativa que abre este texto era estudante do Ensino Médio de uma escola pública da periferia de Canoas (RS) e participante da pesquisa de Mestrado, recentemente defendida (março de 2020), a partir da qual constituímos o presente texto.

Em consonância com os aportes teóricos dos Estudos Culturais em Educação, dos Estudos de Gênero e dos Estudos sobre Juventude buscamos, neste trabalho, analisar e problematizar representações de maternidade a partir das narrativas de doze jovens mães, na faixa etária entre 17 e 23 anos de idade, estudantes do Ensino Médio da mesma instituição. É importante referir que tais estudantes participavam no período de realização da pesquisa, na própria instituição em que estudavam, do projeto CIPAVE, ação organizada pela Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul e coordenada, na escola em questão, por uma das autoras deste texto.³

Nessa escola, de modo mais específico, o projeto tinha como objetivo diminuir a evasão escolar “provocada” pela gestação e maternidade das estudantes, uma vez que mais da metade das jovens gestantes acabava por abandonar a escola ainda na gestação ou a partir do nascimento do bebê. A proposta era de acolhimento e de escuta das jovens, grávidas ou mães de filhos pequenos, pela escola acerca das transformações provocadas pela maternidade e da possibilidade de conciliação dessa “nova etapa” com a continuidade da escolarização. Assim, as jovens tinham um espaço em sua jornada de aula, pois o projeto ocorria em seu turno de estudo, no qual podiam conversar com outras jovens na mesma situação, esclarecer dúvidas, trocar ideias e muitas vezes, encontrar apoio para suas angústias.

Organizamos o presente texto em quatro tempos: apresentamos, na sequência, as ferramentas teóricas utilizadas, as quais permitiram-nos uma tentativa de “parto” sobre a questão. Posteriormente, apresentamos brevemente a contextualização do espaço da pesquisa, bem como das jovens participantes do estudo e as ferramentas metodológicas utilizadas. Na sequência, destacamos as seguintes unidades analíticas: “Sou uma boa mãe - narrativas de afeto e atenção”; “Sou uma mãe, mas continuo sendo

³ CIPAVE: Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar. Tem como objeto envolver as comunidades num esforço comum de preservar e auxiliar a escola frente à realidade preocupante do aumento das situações que ameaçam a integridade dos alunos e professores na sociedade. Através do trabalho de orientação educacional juntamente com os professores, são realizados projetos que desenvolvem a autoestima, respeito mútuo, cooperação no grupo. Fonte: <https://cipave.rs.gov.br/inicial>. Acesso em 20. fev. 2020.

jovem, quero curtir a vida”, as partir das quais tensionamos representações naturalizadas de maternidade e de juventude contemporânea. Concluimos (provisoriamente) que as narrativas das jovens acerca da maternidade podem (e deveriam) fomentar a organização de práticas diferenciadas, em especial no espaço escolar – o qual é de curso obrigatório para as jovens até os 18 anos de idade - marcadas pelo acolhimento e pela escuta, sem juízo de valor acerca de suas escolhas e posturas.

As ferramentas para o trabalho (de parto)

Conforme destacamos anteriormente, os Estudos Culturais em Educação, os Estudos de Gênero e dos Estudos sobre Juventude, constituem os campos teóricos sob os quais este texto está constituído. Permitimo-nos pensar, em uma associação livre, em tais campos como “ferramentas para o trabalho de parto” – do qual deriva essa publicação. Trabalho meticoloso, cuidadoso, por vezes invasivo, nas memórias da pesquisa já realizada, que multiplica, como ocorre em muitas das pesquisas que realizamos a partir de perspectivas pós-críticas e pós- estruturalistas, como destaca Marlucy Paraíso (2012, p. 39) acerca das pesquisas realizadas sob tais perspectivas:

[...]Multiplicamos em nossas análises os significados daquilo que lemos na luta para mostrar a não fixidez do significado. Multiplicamos as possibilidades de descrição-analítica e de análise-descritiva. Multiplicamos as diferenças para fazê-las proliferar.

Vale referir que os Estudos Culturais, desde seu princípio, configuram-se como espaço para a problematização de relações dicotômicas, fundamentadas pelas tradições elitistas, tais como alta cultura x cultura de massa; cultura burguesa x cultura operária e entre cultura erudita x cultura popular (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003). Nessa perspectiva, a cultura é constitutiva e fundamental para determinar quem somos e quem pensamos ser. Nesse contexto, Stuart Hall (1997, p. 16) nos diz:

Membros da mesma cultura compartilham conjuntos de conceitos, imagens e ideias que lhes permitem sentir, refletir e, portanto, interpretar o mundo de forma semelhante. Eles devem compartilhar, em um sentido mais geral, os mesmos ‘códigos culturais’. Deste modo, pensar e sentir são em si mesmos ‘sistemas de representação’, nos quais nossos conceitos, imagens e emoções “dão sentido a” ou representam – em nossa vida mental – objetos que estão, ou podem estar, “lá fora no mundo”.

E ainda:

A cultura, podemos dizer, está envolvida em todas essas práticas que não são geneticamente programadas em nós [...], mas que carregam sentido e valores para nós, que precisam ser significativamente interpretadas por outros, ou que dependem do sentido para seu efetivo funcionamento. [...] Nesse sentido, o estudo da cultura ressalta o papel fundamental do domínio simbólico no centro da vida em “sociedade” (HALL, 1997, p. 16).

Ao relacionar o conceito de cultura à maternidade na juventude, torna-se importante salientar que um conjunto de práticas sociais referentes a essa etapa acaba por interpelar/constituir às jovens, produzindo significados que acabam utilizando para se constituírem nesse “novo papel” (de mãe) diante da sociedade. Em consonância com Hall (1997) compreendemos que a cultura “penetra em cada recanto da vida social contemporânea” mediando ações e produções de significados. (HALL, 1997, p.22). Os autores Angélica Zubaran, Maria Lúcia Wortmann e Edgar Kirchof (2016, p. 13), em um estudo que realizaram sobre Stuart Hall, evidenciam que:

Hall afirmou que a cultura possui duas dimensões: uma substantiva, a partir da qual atua na estruturação empírica da “realidade” em que vivemos; uma epistemológica, a partir da qual ela exerce um importante papel na constituição e na transformação das compreensões e explicações que integram os modelos conceituais com os quais representamos o mundo. Em todos os termos, para Hall, a cultura abarca todos os fenômenos da vida social e também nossos modelos cognitivos.

A partir de Hall (1997), é possível pensar que as diversas práticas sociais que comunicam significados possam ser entendidas como manifestações da cultura. Para o autor (1997, p. 32), “[...] todas as práticas sociais, na medida em que sejam relevantes para o significado ou requeiram significado para funcionarem, têm uma dimensão cultural”.

É importante referir, como destacam Zubaran, Wortmann e Kirchof (2016, p. 15), que Hall e Paul du Gay (1997) propõe um modelo analítico que temos denominado circuito da cultura, “o qual abrange desde a produção até a representação dos significados culturais, a constituição das identidades a partir desses significados, o consumo e a regulação da vida cultural na modernidade”. Para análise que propomos neste texto, articulamos o conceito de representação, uma vez que interessa-nos problematizar representações de maternidade, a partir de narrativas das jovens

estudantes. No entanto, a partir do modelo dos autores, não podemos pensar na representação como uma esfera isolada, a qual opera de modo independente no circuito da cultura. Porém, frente ao espaço temporal limitado de uma investigação de mestrado, utilizamos o referido conceito como operacional.

Ainda em consonância Hall e Du Gay (1997), compreendemos que a representação como uma prática – a qual constitui e produz efeitos sobre os sujeitos. A partir dessa premissa, podemos pensar que representações “naturalizadas” sobre a maternidade, a exemplo do amor incondicional, produzam efeitos sobre a construção da maternidade pelas jovens pesquisadas, o que nos mostra a produtividade do conceito para a análise proposta.

É importante destacar que, além dos discursos científicos de diferentes campos de saber, as instâncias midiáticas a exemplo da *web*, da mídia impressa, do rádio e da televisão também operam sobre a constituição de representações e assim, “compõem universos ou mapas conceituais a partir dos quais damos sentido à nossa experiência” (ZUBARAN, WORTMANN e KIRCHOF, 2016, p. 18). Ou seja, as representações constituem nossas identidades. Desta forma, problematizar a maternidade na juventude, com base nos conceitos de cultura e representação, implica pensar na produção de identidades (WOODWARD, 2000). Logo, no âmbito social, constituem-se identidades maternas que são nomeadas e descritas com características específicas. Sobre representação destaca Hall (2002, p. 31): “[...] é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam os sujeitos”. Ainda sobre representação Tomaz Tadeu Silva (2002) complementa que:

A representação é aquilo que se expressa num texto literário, numa pintura, numa fotografia, num filme, numa peça publicitária. [...]. É fundamentalmente através da representação que construímos a identidade do Outro e, ao mesmo tempo, a nossa própria identidade. (SILVA, 2002, p. 127)

Desta forma, com o apoio do conceito de representação, buscamos problematizar os modos como as jovens vivenciam a maternidade, distanciando-nos de discursos e também de representações que naturalizam tais dimensões – juventude e maternidade.

Já os Estudos de Gênero permitem-nos compreender o conceito de gênero como: “[...] uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’

ou ‘diferença sexual’ (SCOTT, 1995, p.72). Logo, a partir dessa premissa podemos afirmar que gênero não se limita à diferença sexual entre homens e mulheres, mas sim a como o indivíduo é representado culturalmente em razão dessa (LOURO, 2010). É interessante destacar que a proposição de Joan Scott (1995) sobre o conceito de gênero visa à conexão entre as seguintes ideias: a) gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; b) gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. A partir dessa premissa, compreendemos gênero como ferramenta analítica, que nos ajuda a pensar/problematizar as representações que as jovens pesquisadas constituem acerca da maternidade na juventude.

Quanto às aproximações entre a conceituação de gênero e as ideias pós-estruturalistas, é possível afirmar que ambas as perspectivas apresentam semelhanças quanto às críticas que seus teóricos fazem às grandes teorias. Dagmar Meyer (2003), entre outros autores, esclarece que as abordagens feministas pós-estruturalistas não compreendem o corpo humano como uma entidade biológica universal. Ao contrário, enxergam-no como produzido e articulado socialmente, como construto sociocultural e linguístico, produto e efeito das relações de poder, tal como fica evidenciado nas palavras de Beauvoir (1967, p. 9): “Quando emprego as palavras ‘mulher’ ou ‘feminino’ não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: ‘no estado atual da educação e dos costumes’[...]”.

Dagmar Meyer (2004, p. 16) auxilia-nos a compreender como o processo da gravidez está estreitamente relacionado com o de construção de gênero: educar mulheres para tornarem-se grávidas e viverem como tal está dentro de processos que nos educam como sujeitos de gênero. Estar grávida, a nomeação “é uma gestante” é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de normas de como deve se comportar, cuidar. Contudo, a partir desse campo teórico, busco problematizar os papéis naturalizados de mulher/mãe instituídos por discursos ao longo dos tempos, nas diversas sociedades.

Ao abordar o conceito de gênero quando se fala em maternidade, torna-se importante falar sobre feminilidade e, por conseguinte, questionar sobre como se constituíram e se fixaram os discursos sobre a condição feminina e o ideal de feminilidade. Ao analisarmos a era moderna, tem-se a nitidez de que sua produção se deu a partir da posição masculina, dentro de um dado contexto histórico. Por volta do

século XVIII, surgem um conjunto de ideias médicas, filosóficas e morais que pretendiam determinar uma diferença de essência entre o masculino e o feminino (VARGAS, 2015). Ao final do século XIX e início do século XX, com o surgimento da psicanálise, foi que se instigou um olhar mais atento sobre a condição da mulher na sociedade ocidental. A cultura europeia desta época produzia discursos que visavam promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado feminilidade. As virtudes próprias da feminilidade baseavam-se no recato, na docilidade, na afetividade mais desenvolvida, na receptividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens e, mais tarde, dos filhos (VARGAS, 2008).

É importante destacar que, ao falar sobre gênero, é possível perceber que os desdobramentos de uma gestação na juventude acabam, por vezes, sob a responsabilidade da jovem mãe, visto que discursos diversos responsabilizam homens e mulheres de modo diferenciado frente à gestação na juventude. A partir dessa premissa, podemos perceber que a sociedade a impõe como responsabilidade exclusivamente feminina, em consonância com discursos de períodos anteriores, como os anteriormente citados,

Também de acordo com a perspectiva dos Estudos Culturais, o conceito de juventude remete à ideia de categoria plural, fato que a afasta de um modo único para descrevê-la e contextualizá-la. Estudos como os de Carles Feixa (2004), Elisabete Garbin (2001) Juarez Dayrell (2007), entre outros tantos, distanciam-se das classificações etárias e descrições biológicas na contextualização da categoria juventude. Contudo, na atualidade, certas características tais como beleza, espontaneidade, vitalidade e versatilidade acabam por ser naturalmente associadas à condição juvenil e, são exaltadas por diversos discursos circulantes em nossa sociedade, a exemplo do discurso midiático e do discurso médico. Assim, ações e procedimentos são naturalizados pelos mesmos como artifícios acessíveis para que os sujeitos vivam o ideário de juventude, uma vez que esta etapa da vida acaba por ser supervalorizada, percebida como um ideal a ser alcançado (SOARES, 2005).

Em um primeiro momento, a juventude foi chamada de “rebeldes sem causa” na Inglaterra, ou de “juventude transviada” nos Estados Unidos, o que mais tarde transformou-se em referência social na qual, atualmente, tem sua representatividade social vinculada a um paradoxo (FEIXA, 2004). De um lado, marcada pela supervalorização do “ser jovem”, manifestado em diversas representações socioculturais

contemporâneas; de outro, potencializado por características problemáticas, geralmente relacionados a situações limite, crises e conflitos.

Assim posto, compreender a juventude em toda sua complexidade implica, primeiramente, a consciência de que a esta fase da vida do ser social não se constitui de forma homogênea. No entanto, essa fase da vida nos passa a ideia de liberdade pessoal, a exemplo de querer ultrapassar limites, desprender-se da tutela dos pais, tornar-se independente, escolher afetos, amizades, profissão, etc., sem pensar nas consequências de alguma atitude impensada. Segundo define Feixa (2004) o olhar sobre juventude passa a se modificar com o crescimento econômico no período pós-guerra, a partir do aumento da capacidade aquisitiva dos jovens, com a escolarização em massa, com a difusão dos meios de comunicação, da sociedade de consumo e com o nascimento de um mercado juvenil, o que possibilitou emergir a noção de cultura juvenil como categoria. Contudo, sabemos que os movimentos juvenis atuaram como metáfora da mudança social que acabou se constituindo em novas formas de consumo, uso do tempo livre, vestimentas, (novas) relações entre gêneros e idades num contexto de crise da sociedade industrial clássica (FEIXA, 2004). Através de suas pesquisas Dayrell nos diz que:

[...] a juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos e, é marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc.), de gênero e, até mesmo, geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. (DAYRELL, 2007, p. 4)

Para Dayrell e demais autores (2012), a juventude pode ser considerada uma categoria dinâmica, atravessada pelas mudanças e transformações que ocorrem ao longo da história nas diversas sociedades. O referido autor compreende também que tal categoria é marcada pela diversidade, expressa nas diferenças sociais e culturais que constituem as posturas dos sujeitos compreendidos como jovens. Em suas palavras (DAYRELL, 2003, p. 42):

[...] uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos

como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.

A partir de tais pressupostos, apresentamos, na seção a seguir de modo breve, o espaço da pesquisa, algumas das características das jovens pesquisadas, bem como a organização metodológica da investigação

O espaço da pesquisa e os passos metodológicos

A referida pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Jussara Maria Polidoro, localizado no bairro Guajuviras, zona periférica de Canoas (RS). Mais conhecido como “Jupol”, o colégio comportava, em 2018, aproximadamente mil alunos em turmas do Ensino Fundamental e Médio, nos três turnos diários.

É importante destacar que o bairro Guajuviras origina-se, assim como outros espaços urbanos periféricos, com a construção de moradias populares fomentadas pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), entre as décadas de anos de 1970 e 1980. Tais moradias eram construídas, de modo geral, em territórios distantes dos centros administrativos das cidades e dividiam espaço, em regiões como o Guajuviras, com outras ocupações – habitacionais e comerciais – irregulares. Atualmente, a população do bairro é formada por trabalhadores em várias atividades, fábricas e construção civil, microempresários, empresários liberais e muitos universitários.

Apesar da sua homérica história de lutas dos moradores, o Guajuviras é considerado o bairro mais violento de cidade, sendo apresentado na mídia gaúcha, seguidamente, por um conjunto de representações negativas: o lugar de invasores, de tráfico de drogas, de gangues e bandos de jovens, das mortes, das desavenças. Muitas vezes, a escola se torna “um refúgio” para que os jovens dessa região possam se preparar para um futuro mais digno, com menos violência e dificuldades pelas quais seus pais enfrentaram no passado.

As doze jovens protagonistas desta investigação tinham entre 17 e 23 anos na época em que a pesquisa foi realizada. Eram alunas do Ensino Médio noturno em diferentes séries, todas residiam no bairro e próximo à escola. Dentre as doze jovens, somente quatro mantinham relacionamento com os pais de seus filhos e duas entre essas, moravam com os companheiros, uma nos fundos da casa de seus pais e a outra nos fundos da casa dos sogros. As outras oito jovens mantinham relacionamento com

outras pessoas. Sete delas recebiam ajuda do pai da criança para os gastos, mas sem regularização judicial sobre esses valores.

A faixa etária dos pais/mães das jovens pesquisadas ficava entre 35 e 50 anos. Somente os pais de três das participantes concluíram o Ensino Médio. A maioria dos pais/mães dessas jovens abandonou precocemente a escola para poder trabalhar e ajudar no sustento da família, parando de estudar na antiga quinta série.

As narrativas das jovens pesquisadas foram constituídas sob a metodologia do Grupo Focal. Vale ressaltar que a produção de dados através do grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. Ele contrasta, nesse sentido, com dados produzidos/colhidos através de questionários fechados e/ou entrevistas individuais, instrumentos em que o indivíduo é convocado a emitir opiniões sobre assuntos que talvez nunca tenha pensado anteriormente. As pessoas, em geral, precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias, e constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas à discussão em grupo. Maria Claudia Dal'Igna (2011) explica que tal metodologia consiste na interação entre os participantes e o pesquisador, que tem como objetivo produzir/colher dados a partir da discussão focada em tópicos e específicos e direcionados.

As alunas participantes do CIPAVE foram convidadas a também participarem da pesquisa, assim como outras jovens mães da escola, com idades de 17 a 23 anos. Posterior aos convites e aceites, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).⁴ No início dos encontros, datados de novembro a dezembro do ano de 2018, foi distribuído às participantes um questionário exploratório, o qual deveria ser respondido individualmente. Nesse material, as alunas deveriam responder perguntas mais pontuais, como endereço e forma de moradia, escolaridade dos pais, se a gravidez foi planejada ou não, entre outros temas. Tal material desencadeou a organização das temáticas dos grupos, os quais ocorreram na biblioteca e no auditório da escola com tempo estimado de 30 minutos de duração, no espaço de aula das participantes.

Ao longo de dez encontros, foi possível conversar com as jovens sobre temáticas como o desejo de ser mãe, as mudanças na rotina com a presença de um filho, as redes de apoio, a (re)construção das relações afetivas, o lazer e cotidiano juvenil com a presença do filho e ainda, as perspectivas de futuro, escolar e profissional. A seguir,

⁴ É importante destacar que a pesquisa teve início somente após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Luterana do Brasil, em outubro de 2018, sob o número 2.971.538.

apresentamos duas das categorias analíticas que constituímos com a realização da pesquisa.

Sou uma boa mãe-narrativas de afeto e atenção

Esse sentimento de hipersensibilidade materna é uma doença boa, que permite à 'mãe normal' adaptar-se às primeiras necessidades do filho com delicadeza e sensibilidade. (Elisabeth Badinter, 1985; p. 309)

Dores, incômodos, privações, insatisfação... sentimentos que foram narrados pelas jovens participantes da pesquisa em diversos momentos dos grupos focais. No entanto, para as jovens, tais palavras pareciam constituir um “repertório” pelo qual todas as mães – independentemente da idade – devem (obrigatoriamente) passar. Dessa forma, valem-nos das palavras de Badinter (1985), expressas na epígrafe para o entendimento de algumas das narrativas das jovens acerca dessa dimensão.

Importante destacar que a organização da presente categoria analítica deriva de um dos encontros do Grupo Focal no qual a temática era “o que é ser uma boa mãe”. Interessante pontuar que, ao longo dos encontros anteriores, as jovens marcaram o exercício da maternidade apenas passível às “boas ações”, ou seja, ser mãe é fazer o bem, o melhor para seu filho. A partir dessa premissa buscamos entender melhor, o que, para elas, marcava esse lugar de “boa mãe”. Desta forma, as estudantes foram convidadas a escrever, em uma folha de ofício, ações/características que marcam o “que uma boa mãe faz”. Posteriormente, abrimos o espaço para que elas descrevessem “como percebiam-se” nesse lugar de mães que exerciam. Vale refletir que, em suas narrativas, o atravessamento de discursos diversos- a exemplo dos discursos médico e biológico é evidente, como pode-se ver nas transcrições a seguir:

Jovem A: “[...] responsável, amorosa, atenciosa, defensora. Acho muito difícil ser mãe, a gente não pode sair porque tem que ficar cuidando do filho. Eu sou uma boa mãe cuido bem do meu filho.”

Jovem N: “[...] uma boa mãe tem que ser carinhosa, cuidar do que o filho come, conversar com ele, dar atenção e carinho. Eu sou uma boa mãe, quando estou com ele dou bastante atenção, mas é difícil ser mãe nova, mas não me arrependo de ter ele.”

Jovem K: “[...] ser boa mãe é cuidar do seu filho, dar atenção, dar tudo que ele precisa, principalmente amor. Eu cuido muito bem do meu filho ainda mais que o pai dele não me ajuda. Sorte que tenho a minha avó as vezes é difícil cuidar de um filho, mas eu gosto de ser mãe e não me arrependo de ter ele”

Jovem M: “[...] carinhosa, amorosa, responsável, estudiosa para servir de exemplo para os filhos. Acho que estou me saindo bem como mãe, não é muito fácil, mas o amor dele compensa.”

Jovem E: “[...] divertida, carinhosa, atenciosa, responsável. Eu amo ser mãe, não me arrependo de ter sido mãe cedo, esperei muito por isso. Brinco com meu filho, deixo ele livre para brincar e fazer o que quiser.”

Através das respostas apresentadas acima, é possível perceber que as jovens acreditam numa maternidade perfeita, “aquela que aparece nos comerciais de televisão”, em que a mãe perfeita é aquela que deve abdicar da sua vida pessoal e viver somente a vida do filho, acreditam ainda, que no momento que a mulher se torna mãe, “morre” para sua juventude, perde suas vontades, vive em prol do filho que pôs no mundo, é como se toda a responsabilidade de cuidar, educar e preparar para a vida coubesse somente a ela. Ao que segundo Marisa Costa (2009, p.35) diz: “Somos constantemente ensinados, seguindo moldes da melhor pedagogia do exercício e do exemplo, a formatar nossas ações rigorosamente dentro de preceitos e táticas que fomentam e realização dos desígnios dessa sociedade [...]”.

Ao longo do século XX, a sociedade ocidental promoveu uma individualização da maternidade, produzindo a figura da mãe responsável, tanto pelas práticas de saúde, da puericultura e da educação da infância, quanto pelas práticas simbólicas mediante investimento no crescimento do sentimento maternal (MEYER, 2003). É interessante destacar como o cuidado, a atenção, o carinho e o afeto marcam o exercício da maternidade para essas jovens. Conforme já pontuamos anteriormente, para as mesmas “ser mãe” implica, naturalmente, em ser uma “boa mãe”. E ainda, uma boa mãe é aquela que “dá” (de modo integral) cuidado, atenção, carinho e afeto aos seus filhos. Aquela jovem que não está plenamente disposta a desempenhar ações pautadas por essas características é descrita como uma “não boa mãe”, com vê-se na narrativa abaixo:

Jovem P: “[...] não sou muito boa mãe como tive problemas com depressão. Minha mãe toma conta da minha filha, ela gosta mais dela que de mim. Eu não me importo, porque minha mãe é bem cuidadosa com ela. Mas dou bastante carinho para ela, cuido dela isso é o importante.”

Por sofrer com a depressão, a jovem “P” não conseguia ser, em sua opinião, uma boa mãe para sua própria filha. No entanto, vale questionar: não seria ela quem (também) deveria receber cuidado e atenção, visto que estava padecendo com a depressão? É importante destacar que essa jovem se automutilava antes da gestação e a

gravidez, inclusive, fez com que ela buscasse ajuda médica, terapêutica para a depressão. Apesar de não mais “cortar-se” com frequência, a jovem ainda carregava um grande desânimo para as atividades do cotidiano, após o nascimento de sua bebê. Mesmo assim, mesmo com as alterações hormonais do puerpério, a jovem entedia que deveria – obrigatoriamente – dar carinho à sua filha? Não deveria ser ela quem deveria ser acolhida?

No entanto, apesar das falas sobre o exercício de uma dita “Maternidade perfeita”, as respostas das jovens também evidenciam suas formas, seus modos de exercer a maternidade na juventude na atualidade, visto que essas jovens não trabalham e precisam de ajuda para seu próprio sustento e o de seu filho. Entendemos aqui a necessária organização de uma rede de apoio para o exercício da maternidade por essas jovens, principalmente para o aporte financeiro para o alcance das necessidades de uma criança: alimentação, vestuário, medicamentos.

Rosa Fischer (2002) destaca a importância que a mídia assume ao ocupar uma posição central no processo de constituição do sujeito contemporâneo, nos modos de ser homem e mulher, e inclusive nos de ser pai, mãe e gestante. Em suas palavras (2002, p. 86):

[...] poderia dizer-se que a mídia se constitui um espaço de “visibilidade de visibilidades”; ela e suas práticas de produção e circulação de produtos culturais constituiriam uma espécie de reduplicação das visibilidades de nosso tempo [...] Mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia reduplicá-lo-ia, porém, sempre a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que “deve” ser visto ou ouvido.

Meyer (2006) aponta que, para assegurar a materialidade da relação mãe filho/a, as ações no Brasil se desenvolveram em dois sentidos: primeiro, empreendendo se campanhas contra mortalidade infantil, aborto, infanticídio, abandono de crianças; segundo, buscando se transformar as mães, bem como seus hábitos, comportamentos e sentimentos com relação aos/às filhos/as. Nesse sentido, tratar da educação das mães torna se um imperativo (uma civilidade para com a nação), que deveria/deve ser organizado e desenvolvido em instituições como hospitais, institutos de puericultura e lactários. Para Meyer (2006, p. 14), a história mostra que, “em vez de instinto maternal, seria melhor falar de uma fabulosa pressão social educativa que a sociedade moderna e contemporânea disponibilizou para que a mulher aprendesse a se relacionar e cuidar dos filhos”. Assim, um conjunto de discursividades passou a posicionar a mulher (categoria então essencializada e universalizada) como sendo, por natureza, uma criatura generosa,

abnegada e instintivamente mãe, disposta a qualquer sacrifício por sua cria. Ainda, para Meyer (2006), a maternidade geralmente é abordada como uma função ou um papel social, havendo um grande silenciamento teórico sobre os sentimentos pelos quais passam as mulheres que experimentam em seus corpos a gestação, o nascimento, a nutrição e os cuidados de uma criança, dentre outros aspectos relacionados à experiência da maternidade.

É interessante pensar que as jovens pesquisadas, ora reiteram a representação de uma maternidade perfeita evidenciada pela mídia (com cuidados extremos, afeto e atenção), ora mostram-se mais próximas de seus próprios modos de vivenciar a maternidade, visto que narram que vão a festas, deixam seus filhos com terceiros e quando não tem quem fique com eles, os levam para as festas consigo. A partir de narrativas das jovens realizadas em outros momentos à uma das pesquisadoras desse texto e de registros fotográficos também a ela apresentados, pode-se depreender que as jovens se valem de uma rede de apoio para o exercício de práticas de sociabilidade relacionadas à juventude – como a participação em festas e em outros eventos de encontro social. Muitas das jovens frequentavam festas de madrugada com seus filhos à “tira colo”, o que de acordo com seus discursos isso não seria aceitável. Para essas jovens o importante é brincar com o filho, ser divertida, se “eximindo” de sua responsabilidade e muitas vezes expondo nas redes sociais fotos dos momentos “divertidos” que passam com seus filhos.

Sou uma mãe, mas continuo sendo jovem, quero curtir a vida

A juventude é supervalorizada, manter-se jovem e bonito/a é um ideal da nossa sociedade. Ser jovem não é uma fase com faixa etária determinada, mas um ideal a ser alcançado. Por isso, deseja-se chegar à juventude cedo e nela permanecer por muito tempo. (Rosângela Soares, 2005, p. 80)

O texto de Rosângela Soares, expresso na epígrafe que abre essa seção, tem quase duas décadas e segue atual! A juventude, e as características que marcam essa dimensão da vida, seguem objeto de desejo de nossa sociedade. Como exposto no excerto acima, estamos vivendo um processo de juvenilização da sociedade, no qual somos convocados a permanecer (ou parecer) jovens. Muitos desejam parecer jovens, e manter seus corpos jovens. Porém o que se almeja, não é qualquer juventude, mas uma

juventude frequentemente narrada, exercida e caracterizada pela mídia como saudável, dinâmica e, sobretudo, bela.

É importante frisar, que as representações sobre juventude que apontamos acima, se inscrevem em um sistema representacional que se associa a discursos que passaram a circular em diferentes instâncias e produções, principalmente nas sociedades ocidentais. E as jovens mães deste estudo também buscam esse ideário de juventude para viverem suas vidas.

Em um dos encontros realizados, ao serem questionadas sobre o que costumam fazer em seus momentos de lazer, as jovens falaram um pouco sobre suas vidas, sobre suas rotinas e afirmaram que, apesar de serem mães, ainda tinham o desejo de curtir a juventude, aproveitando festas, baladas, encontros. É possível afirmar essa questão com base na resposta abaixo:

Jovem A: “[...]eu curto bastante festa, geralmente vou nas sociais do meu condomínio e se a minha mãe não pode ficar com o Arthur eu levo ele junto.”

É possível depreender que essa jovem quer ter sua individualidade preservada, quer fazer as coisas que fazia antes de tornar-se mãe, já que continua sendo jovem. Acreditamos que esse coloque-se como um dos marcos diferenciais da contemporaneidade, a supervalorização da juventude. No entanto, quando essa fase da vida é atravessada pela gravidez, ela toma novas configurações. Se em tempos remotos, as jovens ao tornaram-se mães, abriam mão de sua individualidade, hoje elas unem a juventude com o ser mãe e seguem suas vidas, não mais pensando na gravidez como um impeditivo. Conforme fica evidente nas falas das jovens abaixo:

Jovem I: “[...]eu sempre vou em festas, meu filho não atrapalha, levo ele junto ou deixo com alguém, quando ele vai ele se diverte também ele gosta de ir comigo nas festas.”

Jovem N: “[...]curto muita festa trabalho bastante durante a semana, nos finais de semana que meu filho fica com pai dele já arrumo a mochila dele na sexta-feira de manhã e já mando, o final de semana é meu.”

As jovens evidenciam que não abrem mão de seus momentos de lazer. Sobre lazer e juventude, Ivanês Zappaz (2017) diz que as práticas de lazer podem ser compreendidas como expressões dos diferentes grupos sociais, na busca de protagonismo social e cultural. O que para as jovens pesquisadas é muito importante, uma vez que, para elas, o lazer faz parte da juventude. O termo lazer tem sua origem do

latim *licere* e sua conotação remete ao significado de “ser permitido, poder, ter direito” (GOMES, PINTO, 2009, p. 68). Exposto isso, as jovens mães afirmam que têm direito a divertirem-se, mesmo com os compromissos da maternidade. Tal afirmação, vai ao encontro com que pontua Nelson Carvalho Marcellino (2006), quando afirma ser impossível entender o lazer de maneira isolada, e não se relacionar “com outras esferas da vida social. Ele influencia e é influenciado por outras áreas de atuação, numa relação dinâmica” (MARCELLINO, 2006, p. 14). Como também contribuem Christianne Luce Gomes, Leila Pinto (2009, p. 100)

O lazer não é um fenômeno isolado: ele se manifesta em diferentes contextos de acordo com os sentidos e significados dialeticamente produzidos/reproduzidos pelas pessoas nas suas relações com o mundo. Assim, ao propiciar o desfrute da vida no momento presente, o lazer dialoga com o contexto e reflete as ambiguidades e contradições nele presentes. [...] em nossa sociedade, o lazer é um fenômeno dinâmico, complexo, dialógico, permeado de conflitos, tensões e ambiguidades. (GOMES e PINTO, 2009, p.100).

Ao que Paulo Carrano colabora dizendo:

Os fenômenos relacionados com as atividades de lazer estão no centro dos processos de formação das subjetividades e dos valores sociais nas sociedades contemporâneas. Para os jovens, especialmente, as atividades de lazer se constituem num espaço/tempo privilegiado de elaboração da identidade pessoal e coletiva (CARRANO, 2003, p.138).

No entanto conforme mencionado anteriormente, tornamos a afirmar que um dos pontos mais marcantes da maternidade na juventude, na contemporaneidade, é a pluralidade de sentidos. Ou seja, as jovens são mães, mas continuam sendo jovens e vivendo suas vidas como tal; elas preocupam-se em oferecer atenção e afeto aos filhos, mas, por vezes, não se atentam às condições climáticas e as vestimentas adequadas de seus bebês, expondo-os às intempéries climáticas.

Todavia, as expectativas, preocupações e ideias do que é ser jovem e de como usufruir a vida na juventude não descaracterizam um paradoxo: o da juventude como um período que se distingue pela curtição de sociabilidades e lazeres específicos e cujas regras sociais sinalizam que há um tempo finito, uma idade de se fazer, de ser de um jeito. Contudo, a diversão sinaliza um aspecto relevante da juventude, algo que se assemelha a uma obrigação dos jovens, que devem estudar e dedicar-se ao futuro, mas

sem deixar de se divertir, de aproveitar o momento. A fala abaixo evidencia esse pensamento.

Jovem T: “[...]meu marido e eu vamos mais nas festas de família agora com a nenê, porque ela estranha quando a gente sai, mas não deixamos de sair só eu e ele às vezes, a gente dá uma volta de moto, sai para dar uma volta no shopping ou vai um pouco numa social que tenha perto de casa para não perder o costume, bem menos que antes, mas sempre que dá a gente acha um tempinho pra aproveitar. Senão daqui uns dias a gente tá velho e não dá mais.

Para as jovens, é a partir da juventude e em relação a essa fase que a ação “aproveitar” toma de empréstimo certa conotação sexual/sensual e temporal, embora outras formas de uso sejam aplicadas concomitantemente. “Aproveitar a vida, em sua forma usual e corriqueira, significa inicialmente sair, namorar, ficar, divertir-se, paquerar, dançar e curtir, e ainda, desfrutar a vitalidade dos anos, a sensualidade dos corpos, dos olhares e a sedução, nem o corpo nem o trabalho de sedução precisam de muitos artifícios, pois faz parte da própria juventude ser atraente, sedutor em certa medida. Sendo assim, a fala das jovens em aproveitar a vida porque “sou jovem ainda”, têm o sentido sensual e temporal focalizada na juventude que se destaca justamente por ser um tempo apropriado para aproveitar a vida com corpo (ativo, saudável) e/ou mente aberta.

Nesse sentido pode-se pensar na moratória social, como destacam Sandra Andrade e Dagmar Meyer (2014), como um período de relativa despreocupação e de postergação do ingresso às responsabilidades da vida adulta. As autoras observam que a moratória social se diferencia entre as classes médias, altas e populares, de modo que, em especial, as classes populares não podem gozar de períodos tão amplos de ócio ou de adiamento das responsabilidades dos adultos. O ingresso no trabalho, o casamento ou união, o nascimento de filhos, a falta de dinheiro, são indicados como complicadores das devidas condições para uma possível moratória social. Contudo, é possível afirmar que o espaço de experimentação e de valorização social que é dado de modo geral à juventude, percebido por meio de expressões como aproveitar a vida, apresentado pelas jovens, ressalta as associações entre práticas e valores alocado no modo de vida jovem. Se existem representações e percepções sociais da juventude vinculadas às conceituações de um período difícil, conflituoso e preocupante, há ainda as que destacam a juventude como uma filosofia de vida para outras fases do ciclo da vida. A maternidade sendo desejada ou não, representa uma grande mudança na vida da mulher

e a sociedade costuma atribuir à mulher/mãe toda uma representação e espera-se que toda mulher venha a se encaixar nesse novo papel. Ao que Badinter ressalta:

A maternidade torna-se um papel gratificante pois está agora impregnado de ideal. O modo como se fala dessa ‘nobre função’ [...] indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se criará o hábito de pensar que toda boa mãe é uma ‘santa mulher’. A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho”. (BADINTER, 1985, p. 223).

Sendo assim, em nossa sociedade, quando a mulher se torna mãe, ela entra em um novo ciclo da vida, o de “mãe” e sendo mãe na juventude, o ciclo da juventude deve ser deixado para trás, agora a jovem é “mãe” e às mães, não é permitido momentos de lazer. No entanto, as jovens pesquisadas, tensionam (totalmente) essa afirmativa.

Encerrando brevemente

É importante destacar que nenhuma das jovens, na época de sua gravidez, possuía plano de saúde privado. Seus pré-natais foram realizados em uma das unidades de saúde que ficam localizados no bairro em que residem (periferia do município de Canoas) e seus partos foram realizados em hospitais públicos da própria cidade. Em alguma medida, podemos pensar que práticas promovidas pelo acompanhamento de suas gestações, bem como, discursos circulantes sobre gravidez em diversas dimensões, a exemplo da escolar e da midiática, colaboraram para a constituição de representações acerca da maternidade narradas pelas jovens. Sobre representação destaca Hall (2002, p. 31): “[...] é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura.

Ao relacionar a maternidade com a juventude, é importante ressaltar que o termo “maternidade juvenil” nasce com construção social de juventude, visto que jovem grávida não se diferenciava de mulher grávida, uma vez que as jovens não eram pronunciadas no surgimento da juventude, juventude era algo ligado ao masculino, logo, maternidade juvenil, surge posteriormente. É a partir dos anos 1980 que se começa a questionar o olhar dado às mulheres nos estudos sobre juventude e se começa a incluir as meninas de forma um pouco mais positiva nos trabalhos. De acordo com Wivian Weller (2005), muitas análises acerca da temática juventude acabam por constituí-la como categoria homogênea no que tange às questões de gênero, ou seja,

sem distinção entre os jovens e as jovens. A autora também aponta a escassa produção acadêmica sobre o tema com uma das condições de possibilidade para tanto. Compreendemos que a dissertação de Dolneia Santos (2020) colabora com esse campo, promovendo (novas) discussões às dimensões tratadas, por vezes, de modo cristalizado como a maternidade e a juventude.

As alunas pesquisadas evidenciaram que não conseguem integrar em uma identidade única os papéis de mãe e estudante, que suas identidades que se deslocam. No entanto, percebe-se em suas narrativas, representações de maternidade ligadas a necessária constância de cuidados de si, de seus corpos e de suas ações, para melhor cuidado de sua prole. Conforme pontuamos anteriormente, construções discursivas sobre a maternidade, formatadas ao longo dos tempos, corroboram para a organização de tais representações.

É preciso destacar que a gravidez na juventude não é algo novo... tal fenômeno sempre ocorreu! Ao longo dos anos, de acordo com cada época e cada sociedade, a maternidade na juventude acaba por ser constituída de diferentes representações de jovem, de mulher, de mãe. Logo, se até a metade do século XX, nos países ocidentais, as jovens consideradas “velhas” se passassem dos vinte anos sem ter se casado ou ter filhos, na atualidade, compreende-se que neste momento etário, as jovens estariam “na flor da idade”, no momento absoluto para o crescimento/fortalecimento pessoal e profissional. Na atualidade, a maternidade juvenil passa a ser considerada, principalmente para as classes sociais mais abastadas, “um problema” uma vez que, causa um grande impacto na vida familiar e leva a jovem mãe a abrir mão de muitas atividades para cuidar do filho. Contudo, conforme buscamos evidenciar nesse trabalho, maternidade juvenil na contemporaneidade é dualidade, as jovens mães da atualidade deixam claro que, se por um lado a gravidez na juventude “atrapalha” ou “adia” planos, por outro leva jovens que apresentavam algum problema escolar, pessoal ou comportamental a repensarem sobre suas vidas e seus modos de ser.

A partir das narrativas das alunas podemos depreender que suas representações acerca da maternidade são associadas a uma ideia de maternidade perfeita – a partir da qual, mães apenas oferecem aos seus filhos, de maneira irrestrita e “natural”, amor, afeto e carinho. As mesmas jovens que buscam “aproveitar a vida ao máximo”, como as participantes destacam em outros momentos da pesquisa, também dizem que são boas mães por “darem afeto” aos seus filhos. Encerramos esse trabalho compreendendo que visibilizar e problematizar os modos de ser e de viver das alunas jovens, nos tempos

atuais, é possibilitar uma melhor compreensão das condições de (im)possibilidades que organizam a constituição das culturas juvenis femininas e, por conseguinte, a (re)organização de práticas pedagógicas – em especial, daquelas que buscam, como o projeto CIPAVE, a acolhida de jovens mães no espaço escolar.

Referências

- ANDRADE, Sandra e MEYER, Dagmar. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. **Educar em Revista**. Curitiba. Edição Especial n. 1. p. 85-99. 2014.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985. 268 p.
- BEAVOUIR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1967. 504 p.
- CARRANO, Paulo. **Juventudes e Cidades Educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, 180 p.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n.23, p. 36-61, maio./ago. 2003.
- COSTA, Marisa Vorraber. O consumismo na sociedade de consumidores. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A Educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro, Lamparina, 2009, p. 33-37.
- DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Família S/A: um estudo sobre a parceria família-escola**. 2011. 184f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro. (RJ) n. 24, p. 40-52. set/out/nov/dez. 2003.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- DAYRELL, Juarez ; CARVALHO; Levindo; GEBER, Saulo. Os jovens educadores em um contexto de educação integral. In: MOLL, Jaqueline. **Caminhos da educação integral no Brasil** - direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012. p.157-171.

- FEIXA, Carles. A construção histórica da juventude In: CACCIA –BAVA, Augusto, FEIXA, Carles e GONZÁLES, Yanko. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004. p. 257-327.
- FISCHER, Rosa Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, p. 83-94. 2002.
- GARBIN, Elisabete. **www.identidadesmusicaisjuvenis**: um estudo de chats sobre música da Internet. 2001. 275f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.
- GOMES, Christianne Luce; PINTO, Leila. O lazer no Brasil: Analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, Christianne et al. **Lazer na América Latina / Tiempo libre, ócio y recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 67-122.
- HALL, Stuart. A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22. n.2, p. 15-46, jul/dez.
- HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- GAY, P. Introduction. In: GAY, P.; HALL, S.; JANES, L.; McKAY, H.; NEGUS, K. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkmann**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. 3 ed. In: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 07-34.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Políticas de Lazer: Marcadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Políticas Públicas de Lazer**. Campinas: Alínea, 2008, p.21-42.
- MEYER, Dagmar E Estermann. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Movimento**, v. 9, n. 3, p. 33-58, set/dez. 2003.
- MEYER, Dagmar. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Gênero: Núcleo transdisciplinar de estudos de gênero – NUTEG**. Niterói: v.6, n1, p.81-104, 2006.
- PARAÍSO, Marlucy. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p.23-46.

SANTOS, Dolneia Aparecida. **Maternidades Juvenis: o que dizem alunas de uma escola pública de periferia**. 2020. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. vol. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2002. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica. 156p.

SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Namoro MTV: juventude e pedagogia amorosas/sexuais no Fica Comigo**. 2005. 174 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

WELLER, Wivian A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, p. 107 -126, jan-abr/2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, Tomaz T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000 p. 7-72.

VARGAS, Juliana Ribeiro. **O que ouço me produz e me conduz? A constituição de feminilidades contemporâneas de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia**. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

VARGAS, Juliana Ribeiro – **Meninas (mal) comportadas: Posturas e estranhamentos em uma escola pública de periferia**. 2008. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008

ZAPPAZ, Ivanês. **Práticas de Lazer e Juventude Contemporânea: O que dizem (e fazem) os Alunos do Ensino Médio Noturno?** 2017. 160f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2017.

ZUBARAN, Maria Angélica; WORTMANN, Maria Lúcia.; KIRCHOF, Edgar Roberto. Stuart Hall e as questões étnico-raciais no Brasil: cultura, representações e identidades. **Projeto História**, São Paulo, n. 56, p. 9- 38, maio-ago, 2016.

Recebido em abril de 2021.

Aprovado em abril de 2021